

PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO

N. em S. Paulo em 08-12-1851

Fal. Guarujá em 12-06-1928



Transcorreu ontem o aniversário de falecimento do engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo, grande nome da arquitetura brasileira, a quem São Paulo muito deve pelas extraordinárias realizações de engenharia artística com que dotou nossa terra em sua longa e proveitosa carreira profissional.

Suas obras em grande numero perpetuam seu trabalho e sua capacidade criadora, devendo-se citar dentre outras: Todas as secretarias do governo, Escolas Normais de São Paulo, Politécnica, Teatro Municipal, Mercado Central e Faculdade de Medicina, todas na capital, e em Campinas a Cadeia Pública, Liceu Salesiano, Matadouro Municipal, Mercado Municipal e a continuação da monumental obra da nossa Catedral.

Além disso Ramos de Azevedo foi professor emérito de arquitetura da Escola Politécnica durante mais de 30 anos, Vice-Diretor, Diretor substituído diversas vezes e diretor definitivo durante os últimos anos de sua vida.

Prestou relevantes serviços como diretor técnico da comissão de obras da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Foi fundador e presidente do Liceu Franco-Brasileiro, em S. Paulo, diretor do Banco Italo-Brasileiro, Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e da Tecelagem de Seda Italo-Brasileira.

Foi sócio correspondente do nosso Centro de Ciências, Letras e Artes.

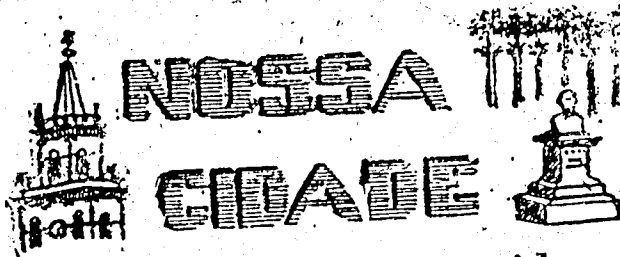
Por aí se vê o extraordinário valor do insigne varão, do qual comemoramos ontem o 24.º aniversário de falecimento, como um dos mais ilustres expoentes da tempera intelectual e moral de nossa terra.

A 8 de dezembro de 1951 comemorou-se o centenário do nascimento do ilustre engenheiro que amou sua Pátria e sua profissão mais do que ninguém.

1928 — Morre no Guarujá, Santos, o engenheiro construtor Francisco de Paula Ramos de Azevedo, nascido na cidade de São Paulo a 8 de dezembro de 1851. Fez estudos em Campinas e curso superior na Escola Militar. Com vinte e quatro anos de idade seguiu para a Bélgica onde se formou em engenharia. Regressando ao Brasil traçou a planta da Matriz de Campinas e durante muitos anos manteve escritório de engenharia e construção na Capital. Entre os belos edifícios da cidade de São Paulo por ele construídos, mencionam-se: o Teatro Municipal, Palácio das Indústrias, Escola Normal da Praça da República e Secretarias do Governo. Foi lente catedrático e diretor da Escola Politécnica de São Paulo. — "Amou sua terra, serviu sua gente, honrou sua profissão e dignificou sua pátria" — escreveu o historiador Afonso de Freitas.



JORNAL DE CAMPINAS



Praças, Ruas e Avenidas

RAMOS DE AZEVEDO — Praça

Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARAES
(Situada entre a Avenida Andrade Neves, rua Marquês de Três Rios e rua Silveira Lopes, no Bairro do Botafogo).

A denominação foi dada em 20 DE NOVEMBRO DE 1883 por proposta do Vereador Manoel Francisco Mendes (dados compilados pelo sr. Edmo Luchini Goulart para a publicação de sua autoria "Ruas da E'poca Imperial").

DADOS BIOGRAFICOS: O dr Francisco de Paula Ramos de Azevedo, foi um eminente engenheiro arquiteto, que muito colaborou, com a sua energia e saber profundo, no renascimento artístico da Capital Paulista. Consagrou-o definitivamente como arquiteto, entre os mais respeitáveis a sua grande obra pública — O Teatro Municipal de São Paulo. Foi quem construiu a Cadeia Pública localizada à Avenida Andrade Neves. Foi quem terminou as obras da Catedral de Campinas e muitas e muitas outras de importância foram a êle confiadas. Foi uma das glórias da engenharia nacional.

Nasceu em Campinas, aos 8 DE DEZEMBRO DE 1851 e fez o seu preparatório em Campinas e São Paulo. Aos 18 anos ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha. Pediu baixa do Serviço ao findar a Guerra do Paraguai vindo trabalhar em Campinas, como auxiliar de engenharia na Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, recém formada e sob a orientação do dr. Lisboa. A seguir, passou para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro deixando esta viaja para a Belgica e frequenta o curso de engenheiro-arquiteto da Universidade de Grand, na Escola de Belas Artes. Terminados os estudos, retorna à sua cidade natal e dá início à sua lide.

Dentre a centena de obras que projetou, destacam-se: todas as Secretarias do Governo do Estado; todas as Escolas da Universidade de S. Paulo, Escolas Normais, Quartéis da Polícia; todos os Teatros de São Paulo como edifícios da Municipalidade e os principais edifícios de escritórios, casas comerciais, apartamentos e residências, desde as mas ricas às vilas economicas.

Professor emérito de arquitetura da Escola Politécnica, durante mais de 30 anos, sendo ainda seu vice-diretor, diretor substituto por várias vezes e finalmente seu diretor efetivo nos últimos anos de sua vida.

Recebeu do Governo Francês as palmas da Legião de Honra. Foi premiado em todos os Congressos de Arquitetura que tomou parte.

Faleceu aos 13 DE JUNHO DE 1928, contando 77 anos de idade.



Há trinta anos

O "Diário do Povo", no dia 8 de Dezembro de 1921, publicava: Ao tempo em que se comemorava festivamente aquela data, consagrada à sua padroeira, em São Paulo, por singular coincidência também se festejava o 70.º aniversário natalício e 50.º de formatura do ilustre engenheiro conterrâneo dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, o construtor do magestoso templo que honrava nossa terra, erigido a Nossa Senhora da Conceição, também inaugurado no mesmo dia, em 1883. Essa grandiosa obra, o maior e um dos primeiros trabalhos que o dr. Ramos de Azevedo constituiria após a sua formatura recomendará-o como profissional sendo naquela data considerado como um dos mais competentes arquitetos nacionais. Na nossa cidade existiam muitos edifícios por ele projetados e construídos, destacando-se depois a Catedral, o Instituto Profissional "Bento Quirino" e o monumento a memória do General Francisco Glicério. Na Capital do Estado, a maior parte dos grandes edifícios públicos deviam a sua beleza arquitetônica ao espírito criador do eminente conterrâneo, e sua invejável eperosidade. A festa promovida por uma grande comissão de amigos e admiradores do notável engenheiro constaria dum grande banquete no Teatro Sant Ana, às 20 horas, abrilhantado por duas orquestras dirigidas pelo maestro Leal. O discurso oficial seria proferido por outro conterrâneo ilustre, o senador dr. Padua Sales. O Teatro Sant Ana seria ornamentado elegantemente pela Floricultura Dierberger.

(Recorte do "Diário do Povo" de 08-dezembro-1951)



CAMPINEIROS ILUSTRES

F.P. RAMOS DE AZEVEDO

O dr. F.P. Ramos de Azevedo foi um eminente engenheiro-arquiteto que muito colaborou, com a sua energia e saber profundo, no renascimento artistico da capital- Consagrou-o definitivamente como arquiteto ,entre os mais respeitaveis, a sua grande obra publica-o Teatro Municipal de S. Paulo. Foi quem escolheu o local para a construção do Teatro Municipal de Campinas. Existe nesta cidade uma praça com o seu nome.

Cam

PRAÇA RAMOS DE AZEVEDO

ANPVI 4100.5



RAMOS DE AZEVEDO, criador do operário artista e uma das glórias mais legítimas da engenharia nacional.

Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, nasceu em 8 de Dezembro de 1851 e fez o seu preparatório em Campinas e São Paulo, tendo aos 18 anos de idade ingressado na Escola Militar da Praia Vermelha.

Ao findar do primeiro ano do curso superior daquela Escola, pediu baixa do serviço militar em virtude de haver terminado a guerra do Paraguai, e consequentemente existir uma pletores de oficiais, indo trabalhar em Campinas, como auxiliar de Engenheiro de Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, recém-formada sob a direção do Engenheiro Lisboa.

A seguir passou para a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, onde trabalhou algum tempo, daí seguindo para a Bélgica para frequentar os cursos de engenheiro e arquiteto da Universidade de Grand na Escola de Belas Artes.

Laureado com os maiores prêmios dessas Escolas, voltou para Campinas deu início à sua lide de engenheiro arquiteto, carreira em a qual atingiu a maior glória do país num trabalho fecundo de mais de cinquenta anos consecutivos.

A lista enorme das obras de arquitetura que projetou, contém edifícios de toda a sorte e espécie dentre os quais ha de destacar os seguintes: Todas as Secretarias do Governo do Estado, todas as Escolas da Universidade de São Paulo, Escolas Normais, Penitenciária, os Quatéis de Polícia, todos os teatros de São Paulo, assim como edifícios da Municipalidade e as principais edificações de Escritórios, Casas Comerciais, Apartamentos e Residências, desde as mais ricas até vilas econômicas.

Além disso do Dr. Ramos de Azevedo foi professor emérito, de arquitetura na Escola Politécnica, durante mais de 30 anos, Vice-reitor, Diretor substituto diversas vezes e Diretor definitivo nos ultimos anos de sua vida.

Foi reorganizador, Diretor e orientador do Liceu de artes e Ofícios de São Paulo, ao qual dedicou o melhor de seus esforços, conseguindo constituir ali um padrão excepcional de ensino profissional. Foi fundador e diretor da Companhia Predial, Companhia suburbana Paulista e diversas outras Empresas imobiliárias.

Prestou relevantes serviços como Diretor técnico da comissão de obras da Santa Casa de Misericórdias de São Paulo. Foi fundador e presidente de Oliceu Franco-Brasileiro, em São Paulo; diretor do Banco Italo Belga, Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e da Tecelagem de Cede Italo-Brasileira.

Ainda sob sua influência individual, e, posteriormente, F. P. Ramos de Azevedo & Cia., hoje Escritório Técnico Ramos de Azevedo — Severo & Villares, a maior organização de engenheiros, arquitetos e construtores do Brasil.

Cam

Tomou parte em inúmeros empreendimentos, serviços ao país com empenho e patriotismo. Presidiu à uma infinidade de comissões de serviços públicos de utilidade e estudos, desinteressadamente e com a maior inteligência e bom senso que o caracterizavam. Foi presidente da comissão de administração da França Ámerique, Instituto de Engenharia de São Paulo e inúmeras outras organizações de serviços profícuos do Brasil.

O governo Francês concedeu-lhe as palmas de instrução e a Legião de Honra, o Governo belga a Ordem de Leopoldo, o governo português o distinguiu com a Comenda de Santiago, o Governo Italiano com a Comenda da Corôa da Itália.

Premiado em todos os Congressos de Arquitetura, também foi nomeado sócio honorário de uma infinidade de associações científicas, artísticas e Caritativas.

A morte colheu-o aos 77 anos de idade, em 13 de Junho de 1928, trabalhando com a maior atividade e brilho.

Ao circunstanciado elenco dos trabalhos do nosso grande contemporâneo, gentilmente fornecido pelo Dr. Francisco Ramos de Azevedo, filho do ilustre Dr. Ramos de Azevedo morador na capital, convém acrescentar que no interior do Estado nada se construiu de grandioso e perfeito, que não obedecesse a projeto do extraordinário arquiteto campineiro, citaremos entre outras obras suas a Caixa Pública, o Liceu Salesiano, o Matadouro Municipal, O Mercado Municipal, a Estação Nova de Ribeirão Preto, a Catedral de Campinas, começada por Bonino, mas sempre ruindo-lhe as paredes, foi reparada e transformada por completo sob a direção de Ramos de Azevedo.

Dr. Heitor Penteado encarregou-o de projetar um amplo e moderno edifício para a sede da Prefeitura Municipal e Fórum.

Foi sócio correspondente do nosso Centro de Ciências Letras e Artes e diretor da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, que lhe deve assinalados serviços, orientação econômica e técnica, para torná-la próspera e acreditada conciliando os interesses da poderosa Empresa com os dos seus acionistas.

Eis o teor do voto de pesar que ficou consignado na data dos trabalhos da Diretoria da Companhia Mogiana, em seu relatório à Assembléia Geral daquela importante Empresa, realizados em 22 de Junho de 1929, subscrito por Amadeu Gomes de Souza, Guilherme de Andrade Vilares, Numa de Oliveira, Fernando Prestes de Albuquerque e Armando Salles de Oliveira: — "Ainda acabrunhados com o infausto acontecimento que privou este Diretoria da preciosa e eficiente colaboração do inolvidável Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo, cumprimos o doloroso dever de nestas linhas, deixar consignado o nosso preito de saudade e gratidão ao grande morto. De saudade pelo companheiro dedicado, cujo coração boníssimo nos reunia a todos, como em precioso escrínio, onde o afeto se expandia a flux, nos envolvendo emplemente de conjunto com aquele carinhoso sorriso que lhe era peculiar e tão expressivo.

De gratidão pelo companheiro sempre avisado e sempre leal, revestindo sua reconhecida competência na simplicidade de um conselho e na profundidade de um parecer, nos quais nunca soubemos o que esis admirar — si a agudeza do espírito afeito às altas regiões da ciência, se a situação do homem puro e reto, reveladas uma e outra em todas as ocasiões em que sua palavra era solicitada. Conhecedor profundo do meio em que vivia, sabis como afastar muitos dos escolhos que sõem empecer a marcha das administrações das grandes Empresas e, ao mesmo

CAW

tempo redobrar de ânimo e de confiança os companheiros em face das dificuldades que porventura se apresentassem por inevitáveis.

Em todos os momentos e atuações como diretor, foi eficaz e proficiente. Dói o grande pesar com que relembramos a sua passagem, cujo registro neste relatório é oportuno, não obstante já haverem os Srs. Acionistas, em Assembleia Geral prestado justa e significativa homenagem ao saudoso extinto".

Por si se vê o extraordinário valor do insigne varão, que homenageamos, como um dos mais lídicos expoentes da tempera intelectual e moral campineira. Por ocasião da inauguração do Monumento à Carlos Gomes, vimo-lo também aqui, representando a Escola Politécnica de São Paulo, de que era então vice-diretor.

Convém lembrar que a soberba obra de Bernardelli, foi fundada no Liceu de Artes e Ofícios da Capital, de que fora reorganizador Ramos de Azevedo e na qual transparece o carinho de sua execução.

Um monumental discurso então proferido pelo Dr. Antonio de Pádua Salles, outro campineiro de excelsos predicados e benemérito propulsor dos interesses econômicos, melhoramentos e técnicos vitais da lavoura paulista, ao fundamentar com abundância de razões, sua proposta de suspensão dos trabalhos daquela alta Câmara.

Transcrevemo-lo na íntegra para a meditação geral pelos seus elevados ensinamentos integrados por esta forma, num tributo de justa admiração e por ser uma lição de puro civismo. Ouçamo-lo:

"Sr. Presidente, faz precisamente hoje um mês e seis dias que, abrindo pela manhã os jornais que se publicam neste capital, li a seguinte notícia sensacional, não só para mim como para todos os nossos compatriotas: "A morte acaba de colher em suas malhas uma dessas figuras que a nossa mente tinha se habituado a considerar como eternos".

Continuei pressuroso a leitura para saber de quem se tratava — e pude verificar que o grande vulto desaparecido outro não era senão Francisco de Paula Ramos de Azevedo!

Ramos de Azevedo acabava de exalar derradeiro suspiro. Estivera eu há poucos dias na estância do Guarujá, e longe estava de supor que tão próximo se achava o fim do eminente brasileiro.

De fato, ali com ele me encontrei, e era de vêr a lucidez, o entusiasmo com que palestrava sobre os mais variados assuntos; mostrava-se cheio de vida e de ânimo, recreando o espírito aos seus amigos com uma conversação sempre interessante e cheia de atrativos!

Fortanto senhor Presidente, quando poderia eu pensar que, logo ao se iniciarem os nossos trabalhos legislativos devesse assomar à tribuna do Senado para depois de fazer o panegírico do ilustre morto solicitar à Casa as homenagens devidas ao grande amigo, ao preclaro patricio, ao grande artista tão querido de todos nós?

Não são passados ainda sete anos, Sr. Presidente, que eu tive a honra de ser convidado para comparecer a uma solenidade empolgante que se realizara no Teatro Sant'Ana, a fim de se comemorar a passagem do cinquentenário da vida profissional de Ramos de Azevedo. Compareci e tive o ensejo de verificar que o amplo salão do teatro se tornara pequeno para comportar a multidão que acorrera àquela local, a fim de tomar parte na homenagem tributada ao merecimento do notável engenheiro, ao passar uma tão auspiciosa data.

Tudo snr. Presidente — as flores ornamentavam as escadarias, e os festões que engalanavam aquelas colunas — o que parecia abrir diante de nós, em idade proventa, mas ainda belamente robusto, cuja finalidade entretanto, já se achava tão próxima!

Tal é a vida humana, snr. Presidente, que nos abrimos a sepultura para receber o corpo insinado de Ramos de Azevedo. Ele contudo ali não repousará definitivamente, antes continuará a viver na memória de todos nós. Tanto assim é, que propõe a erecção de um monumento que perpetue a lembrança de tão prestatado concidadão. Bem haja o trabalho dessa digna comissão, a quem tocou tão nobre iniciativa!

Mas, snr. Presidente, que hei de dizer sobre a personalidade de Ramos de Azevedo? Era ele uma personalidade invulgar. A sua atuação em todos os aspectos da atividade paulista, sempre se fez sentir de maneira notável. A nossa Capital muito lhe deve no que diz respeito à estética das suas edificações, pois, é indubitável que, em todas as obras de maior grandiosidade se evidencia a mão benfazeja do inolvidável arquiteto.

No entanto snr. Presidente, Ramos de Azevedo não foi somente um grande mestre de engenharia, foi também um grande disciplinador, foi também um grande educador.

Foi ele quem aqui formou o tipo do onerário-artista, foi ele quem substituindo o famoso engenheiro Paula Souza na direção de nossa Escola Politécnica orientou essa legião de jovens engenheiros que hojeai estão a patenteiar a cada passo a sua notável capacidade. Foi, em suma, uma figura ciclópica de uma valor incomparável.

Assim não pode o coração deixar de confranger-se, ao comemorarmos a perda de Ramos de Azevedo.

Nascido na cidade de CAMPINAS, de família distinta e modesta, iniciou ele sua carreira trabalhando na construção da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e desenvolvendo a sua atividade no trecho da mesma Estrada compreendido entre aquela cidade e Jundiaí.

Manifestou as tendências do seu espírito para aquele ramo profissional. E tais aptidões, tais qualidades revelou para a carreira de engenharia que seus parentes se apressaram em encaminhá-lo para a Europa, a fim de ali iniciar os necessários estudos técnicos.

Foi nessa ocasião que partiu para a Bélgica, onde se matriculou na célebre Universidade de Gand. E todo mundo sabe o brilho com que ele se houve por todo o curso.

Regressando da Europa, ficou-se em Campinas, a sua terra natal, onde estabeleceu a sua tenda de trabalho onde não foram poucas as obras que iniciou, como por exemplo esse grandioso monumento que é a Catedral, mais conhecido por Matriz Nova, cujas obras pode concluir com grande maestria.

Mais tarde conhecida sua aptidão, o seu invejável talento e sua rara convergadura para a profissão de arquiteto, e o seu profundo conhecimento de todas as belezas de arte, foi convidado a transferir a sua residência para São Paulo, aqui iniciando então a sua brilhantíssima carreira, com a construção desse magnífico edifício situado à praça do Palácio, em que funciona a Secretaria de Fazenda e Tesouro do Estado.

Certamente senhor Presidente, aqui não se deve repetir o que dizem os norte-americanos, em relação aos seus edifícios: "Na América do Norte, o progresso é tão grande e rápido, que alguma casa no fim de dez anos, fica fora de

da". Aqui senhor Presidente, para o nosso orgão paulista, existem prédios construídos há mais de vinte anos e que não estão ainda fora de moda; ainda são prédios que causam admiração e assombro a todos os visitantes, quer seja nacionais, de outros Estados do País, quer seja estrangeiros, que para aqui entram, atraídos pela curiosidade de conhecer nossa terra.

A sua confiança no progresso e na grandeza da nossa Capital era uma coisa incontestável. Ele, cedo percebeu que não estavam distantes os dias da completa transformação desta Capital em uma grande metrópole e foi assim que concebeu e traçou gigantes o de sua grandeza, projetando e construindo obras como o nosso Teatro Municipal, que é o seu "capo lavoro", e a sua obra prima, assim como o palácio das Indústrias no parque D. Pedro II. Ali está também a Penitenciária, diariamente visitada por todos quantos veem a nossa Capital, ali estão as nossas Secretarias do Estado, a Escola Politécnica, os edificios hospitalares de Santa Casa, como o Asilo de Inválidos, o Asilo dos Expostos, na fazenda Wanderley, e igualmente os que foram construídos em Santos, Campinas, Itú, Lorena, além de outros.

A privilegiada atividade do inolvidável paulista, sr. residente, se irradiou por todos os pontos do nosso país, para glória de sua terra e para orgulho de todos aqueles que tiveram a felicidade de, como os seus amigos, privar com tão bondosa criatura.

Para muitos dos seus amigos, a grande criação de Ramos de Azevedo, o seu trabalho máximo está no Liceu de "Artes e Offícios". Foi ali, que ele com esclarecida visão, criou o operário-artista; ali ele pontificou, sem competidor, na formação de uma classe de trabalhadores até então desconhecida entre nós. Não são simples carpinteiros, simples marceneiros e estucadores, mas artistas verdadeiros, que, obedecendo, a orientação nova instituída pelo insigne mestre, invariavelmente imprimem nos seus trabalhos um cunho de arte superior, com uma intuição benfita de toda a sua beleza. Eles sempre revelam esta qualidade superior de que um trabalho com arte tem muito mais valor do que um trabalho sem arte.

O Dr. Ramos de Azevedo, com a sua grande inteligência, soube congrega em torno de sua pessoa, alunos distintos, formando nesta Capital, uma classe de artistas, que, para orgulho nosso e para a glória do nome de seu fundador, deve ser mantida com carinho.

Basta citar senhor Presidente, o que se notava em relação à nossa Escola Politécnica, de que ele foi dedicado diretor. Muitas vezes, devido à deficiência da fiscalização, nas nossas escolas superiores, os alunos costumam denunciar as paredes. No tempo de Ramos de Azevedo, podia-se entrar francamente na Escola Politécnica: num um treco, nem um risco nas paredes que denunciasses desleixo dos estudantes diante da classe e diante de seus mestres.

Ramos de Azevedo, sr. Presidente, é uma dessas figuras que aparecem nas fases históricas da vida de um povo, intercaladamente, a intervalos espaçados, porque a história também sabe render homenagem a estes homens.

Depois dessa figura não é fácil aparecer outra que a substitua. Ramos de Azevedo ficará em destaque, em todos os seus relevos durante muitos anos; era um nome, era um artista procurado por todos quantos vinham à nossa terra saber com quem poderiam trocar idéias a respeito da nossa cultura artística, de nossa cultura intelectual. Todos ficavam plenamente satisfeitos quando se defrontavam com esse homem que interpelado sobre qualquer assunto quer fosse no terreno industrial, que no terreno intelectual ou literário, tinha a sua palavra fluente, franca, precisa, para responder a tudo quanto se lhe perguntava.

ANPV 14100.10



Foi Ramos de Azevedo uma das figuras necessárias para o período de engrandecimento da nossa Capital, e o seu desaparecimento uma grande perda para nosso progresso e mesmo para o desenvolvimento das atividades que entretecem o progresso de São Paulo.

Bem haja senhor Presidente, como acabei de dizer há pouca existência dessa comissão que tomou a si perpetuar num monumento grandioso e verdadeiramente artístico o nome desse genio construtor!

Depois desse tão delineado retrato quem poderá deixar de congratular-se com CAMPINAS por haver produzido em Ramos de Azevedo "uma das glórias mais legítimas da engenharia nacional?"

Campinas não se esqueceu de homenagear seu filho ilustre, dando seu nome a uma praça triangular situada no prolongamento das ruas Saldanha Marinho e Onze de Agosto.

Sugere o signatário destas linhas que esse justo preito deve ser completado erigindo-se um busto ao notavel arquiteto campineiro.

Em São Paulo é recente a denominação Ramos de Azevedo dada ao ponto mais central da "urbs" do suntuoso edificio do Teatro Municipal projeto e obra do grande filho de Campinas, com a inteligente colaboração dos Rossi.

A indelével materialização, poréndo inenso tributo é imorredoura homenagem que a população inteira do metrópole Paulista se julgou no dever de prestar ao agrégio filho de Campinas; está admiravelmente consubstanciada no magestoso monumento de imponente simbolismo e aprimorada fatura, na Praça Tiradentes ao lado da Pinacoteca do Estado.

C. M.

Praça Ramos de Azevedo HOJE O CENTENARIO DO NASCIMENTO DO GRANDE ARQUITETO RAMOS DE AZEVEDO ANO I 4100 11

O que foi a vida do grande brasileiro que deixou seu nome ligado a numerosas e importantes obras de engenharia — Nasceu acidentalmente em São Paulo, mas sempre considerou Campinas sua terra natal — Construiu o Teatro Municipal, as Escolas Normais da Praça e do Braz, as Secretarias do Patio do Colegio, a Faculdade de Medicina, o Mercado Central, a Penitenciaria do Estado e numerosas outras grandes obras



Handwritten initials or signature, possibly 'RAM'.

Engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo

Transcorre hoje o centenario de nascimento de Francisco de Paula Ramos de Azevedo, grande nome da arquitetura brasileira, a quem S. Paulo muito deve, pelas extraordinarias realizações de engenharia artistica com que dotou a nossa terra, em sua longa e proveitosa carreira profissional. A influencia de sua personalidade fez-se sentir na arquitetura paulista através de toda a sua pujante obra, enriquecendo a engenharia patria com sua contribuição de consagrado mestre, de que hoje muitos se recordam com saudades. Suas obras, em grande numero, perpetuam seu trabalho e sua capacidade criadora, devendo citar-se todas as secretarias do governo situadas no Patio do Colegio, as Escolas Normais, da praça da Republica e do Braz, os edificios originaes da Escola Politecnica, o Teatro Municipal, o Mercado Central, e a Faculdade de Medicina, aliás seu ultimo trabalho. Tambem a Penitenciaria do Estado, o Hospital de Juqueri e uma infinidade de grandes institutos especializados, milhares de residencias, e, acima de tudo, uma tradição, uma organização, uma escola de trabalho profissional, marcam a obra de Ramos de Azevedo como uma das mais ricas e produtivas da nossa arquitetura.

NASCEU NA RUA 15 DE NOVEMBRO...

O nascimento de Francisco de Paula Ramos de Azevedo deu-se ocasionalmente em S. Paulo, dando residir sua familia em Campinas. Foi o mais velho dos quatro homens entre os nove filhos do casal campineiro major João Matias de Azevedo e d. Ana Carolina de Azevedo. Acontece que vindo d. Ana Carolina a S. Paulo, fazer companhia a uma irmã, que depois foi sua madrinha, e moradora á então rua da Impre-

triz, hoje 15 de Novembro, o nascimento do futuro grande arquiteto precipitou-se, vindo ele á luz no dia 8 de dezembro de 1851, em um predio situado no local onde hoje se ergue o Banco do Comercio e Industria de S. Paulo, bem em frente á rua Três de Dezembro.

... MAS FOI LOGO PARA CAMPINAS

Poucos dias depois de nascer, d. Ana Carolina regressou a Campinas, e ali Ramos de Azevedo passou sua meninice e aprendeu as primeiras letras, preparando-se para a Escola Militar no Rio de Janeiro, onde ingressou como cadete nos tempos do inicio da Guerra do Paraguai. Embora tendo nascido em S. Paulo, Ramos de Azevedo sempre considerou Campinas como sua terra natal, como sempre declarava. Porque lá residia sua familia, era a terra de seus pais. Seu pai era de familia originaria de Portugal, e sua mãe tambem da mesma origem, porém já por muito tempo radicada em Minas.

NA ESCOLA MILITAR DO RIO DE JANEIRO

Na Escola Militar, Ramos de Azevedo logo fez-se notar pelo seu senso artistico e ordeiro, sendo escolhido pelo diretor da Escola, general Polidoro, pára seu amanuense e secretario pessoal. Terminando a Guerra do Paraguai, o Imperador Pedro II fez sentir aos alunos da Escola de Guerra que em virtude da plethora de officiaes vindos da Campanha, pouco futuro haveria para os novos alunos da Escola Militar, pois que suas carreiras teriam que ser preteridas em favor de officiaes com galões de guerra. Para esses alunos, o governo facilitaria a saída da Escola, e o proprio Imperador

chamou a atenção deles para o futuro que lhes estava reservado pela engenharia.

DO MILITARISMO PARA AS LIDES DE ENGENHARIA

Desligando-se da Escola Militar, Ramos de Azevedo voltou a Campinas, empregando-se nas primeiras turmas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro e Mogiana, iniciando sua vida como ajudante de engenheiro e desenhista. Trabalhou no reconhecimento das duas estradas que abriram a Campinas e a S. Paulo as possibilidades para seu crescimento. Trabalhou com afinco e inteligencia, juntando alguns meios para, em 1874, seguir para a Belgica, a fim de concluir o curso de engenheiro civil, conforme desejava. E juntamente com outros brasileiros que tambem se notabilizaram na engenharia, como Alfredo Maia, Francisco Sales de Oliveira e Antunes Maciel, matriculou-se na Universidade de Gand.

REVELA-SE A VOCAÇÃO DO ARQUITETO

Logo aos primeiros dias, o director da Universidade, ao passar pela mesa de desenho de Ramos de Azevedo, foi atraído pela perfeição de seus trabalhos, chamando-o, então, á sala da reitoria, quando lhe disse: "vosse mecé" vai dedicar-se á arquitetura e não á engenharia civil". Ao que o jovem brasileiro lhe retrucou: — "Pretendo ser engenheiro civil, para o que já tenho alguma pratica. Além do mais, ha muito serviço de engenharia em meu país". Mas o director não desanimou e novamente insistiu: — "Ora meu filho, com seu talento para desenho, não há que duvidar; vosse mecé" será um bom arquiteto".

UM PROVIDENCIAL ATRASO DO CORREIO

Ramos de Azevedo transferiu-se para a carreira de arquitetura, e escreveu ao pai, relatando o ocorrido, ao que este respondeu: "Ora, meu filho, pensa bem: engenheiros temos poucos e há muito que fazer — e para a arquitetura aqui temos bons mestres de obras". Felizmente para a nossa arquitetura, a resposta de seu pai chegou a Gand quando Ramos de Azevedo já se adiantava com brilho no curso de arquitetura e tomava gosto por esse ramo da engenharia artística. Juntamente com o curso de arquiteto, matriculou-se na Escola de Belas Artes e terminou o respectivo curso.

LAUREADO COM "GRANDE DISTINÇÃO"

Em 16 de outubro de 1878, Ramos de Azevedo recebia da Universidade de Gand, sob o selo de sua majestade o rei da Bélgica, e comissão de sua Corte, por despacho ministerial de 6 de junho de 1878, o diploma de "Ingenieur Architecte" e a honrosa menção de "Avec grand distinction". Sala, assim, laureado em primeiro lugar e com prazer via seu grande amigo e companheiro, mais tarde seu cunhado, Alfredo Maia, laurar-se como engenheiro civil, dois brasileiros que brilhavam em seus cursos em Universidades européas. Ainda na Bélgica, Ramos de Azevedo viu seus projetos serem escolhidos pelo Ministério Belga para fazerem parte da contribuição dos belgas para a Grande Exposição Internacional de Paris, de 1878.

REGRESSO AO BRASIL

Voltando ao Brasil, Ramos de Azevedo trabalhou durante oito anos em Campinas, onde deixou notáveis obras, inclusive terminar a matriz da Conceição, obra já quase centenária e por acabar. Essa matriz foi inaugurada com festejos históricos em 8 de dezembro de 1881, dia em que o notável arquiteto completava 30 anos e albatizou sua primeira filha.

CONSTRUÇÃO DAS SECRETARIAS DO PATIO DO COLEGIO

Em 1886, o visconde de Parnaíba, então governador da Província, foi buscar em Campinas Ramos de Azevedo para construir a Secretaria da Fazenda Imperial, na praça do Palácio, hoje Patio do Colegio, que ficou terminada em fins de 1889, quando já se proclamara a República. Esse edificio passou depois para o Estado, servindo de Secretaria da Fazenda, sendo transformada, cinco anos depois, em sede da Caixa Econômica Estadual.

44 ANOS DE INTENSA ATIVIDADE

Daí por diante, a vida de Ramos de Azevedo, como engenheiro arquiteto, passou-se principalmente em São Paulo, para onde se mudou em 1886, e aqui faleceu, sendo sepultado, em junho de 1928: quarenta e quatro anos de trabalhos de trabalho produtor e vida impecável levou Ramos de Azevedo em São Paulo, onde construiu um sem numero de edificios, honrando ainda hoje seu nome de mestre.

NA CARTEIRA TECNICA DO ENTÃO BANCO UNIAO DE S. PAULO

A principio, Ramos de Azevedo ligou-se ao Banco da União de São Paulo, entidade bancaria construtora, financiadora e emissora, ficando à testa da carteira tecnica. Ali projetou e dirigiu numerosas construções, principalmente residencias nobres, algumas fabricas, tambem a Estamparia de Votorantim e as destilarias de São Caetano. Entrando o Banco em liquidação, Ramos de Azevedo abriu novamente escritório pessoal de arquitetura e engenharia e construções, escritório esse que se tornou notavel, não só pelas grandes obras que projetou e executou, como tambem pelo grupo de arquitetos e engenheiros a que deu pratica e ensinamentos sob sua orientação. Por esse escritório passaram Hehl, Krug, Dubugras, Albuquerque, Toledo e outros, a quem Ramos de Azevedo se ligara em sociedade, como Domitiano Rossi e as duas figuras do nosso tempo, que foram seus socios e depois sucessores, Ricar-

do Severo da Fonseca Costa e Afonso Dumont Villares. Esses dois companheiros conservaram o nome de Ramos de Azevedo no escritório que constituíram de "Severo & Villares", hoje sucedida por Severo & Villares S. A. — São Paulo e Rio de Janeiro.

CRIADOR DE MODELARES OFICINAS DE TRABALHO

Alem de habilitissimo arquiteto, Ramos de Azevedo foi grande mestre do ofício, professor da materia na Escola Politécnica, seu vice-diretor e diretor, por morte de Paula Sousa. Foi criador de escolas e oficinas modelares, pois alem de um dos fundadores da Politécnica, foi o reorganizador e a-grande alma das escolas do Liceu de Artes e Officinas e de suas oficinas modelares que devem a ele o fator de seu sucesso. Foi fundador e presidente do Liceu Franco-Brasileiro, hoje Liceu Pasteur. Ligou seu nome às Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, da qual foi auxiliar de campo e diretor; Cia. Iniciadora Predial, Caramica de Vila Prudente, da Suburbana Paulista. Constituiu organizações auxiliares de suas grandes obras, tais como as firmas de materiais Ernesto de Cas-

tro e Serraria Azevedo Miranda. Grandemente ilustrado e bondoso, prestou grandes serviços à Santa Casa de Misericórdia e a diversas instituições de caridade, de ensino e da industria. Foi diretor de engenharia da Caixa Econômica Estadual, do Banco Italo-Belga e da comissão diretora do Teatro Municipal.

SUA VISÃO DE URBANISTA, NA ACLIMAÇÃO

A sua visão, mentalidade e habilidade, de uma forma geral, mesmo em assuntos que ao tempo eram quase desconhecidos, pode-se observar no traçado da avenida Aclimação e em algumas ruas adjacentes, que naquele bairro projetou e executou, no governo Carlos Botelho, aproximadamente em 1890. O aproveitamento habil dos accidentes do terreno e o inteligente lançamento dos "gradés" vem demonstrar a inteligente concepção que Ramos de Azevedo tinha de urbanização, já naquele tempo, e as curvas que ali se encontram, elegantes, aconchegadas ao terreno, são ainda hoje das mais bem traçadas em S. Paulo, onde contrastam, mesmo naquelas redondezas, onde arreamentos em quadriculas, na planta e serrotes nos perfis fazem evidenciar até nisso a inteligência dos homens.

RECONHECIMENTO PUBLICO DE SUA OBRA E DE SEU VALOR

Em todas as fases de sua vida profissional, em todas as exposições a que se apresentou, Ramos de Azevedo foi sempre distinguido com os mais altos premios, não só nas exposições nacionais como nas realizadas na Europa e na America. Foi representante de S. Paulo nas conferencias de ajustes das fronteiras com o Estado de Minas, tendo trabalhado com Moraes Barros Filho, Paulo Frontin e Augusto de Lima. Recebeu os agradecimentos por esse serviço, tanto do governo paulista como do federal e do mineiro. Foi condecorado três vezes pelo governo da França, duas vezes pelo da Bélgica e uma vez pelo de Portugal.

DOU OS VENCIMENTOS DE 30 ANOS A POLITECNICA

Ramos de Azevedo deu grande parte do seu trabalho e imenso auxilio financeiro, sem daí tirar proveito, a não ser a satisfação de ver brilhar suas organizações, tais como o Liceu de Artes e Officinas, a Escola Politécnica, uma de suas diletas e para a qual não só adiantou recursos para obras, sem qualquer proveito, como, ao se jubilar no cargo de professor, no fim de sua vida, fez uma doação em dinheiro, de todos os honorarios que havia percebido durante os trinta e poucos anos que fora seu professor, na importância de 250 mil cruzedros, destinados, como ele determinou, a melhoramentos e ampliações dos laboratorios. Tinha ele o proposito de conseguir, com esse exemplo, outros auxilios, de grandes indus-

trials de S. Paulo, à Escola que ele tanto amou e prestigiou.

Essa a personalidade extraordinária de brasileiro que muito fez pela sua terra, e que hoje cultuamos, na passagem do primeiro centenário de seu nascimento.

PROGRAMA DE CERIMONIAS PARA HOJE

Como parte das comemorações programadas para assinalar o transcurso do primeiro centenário de nascimento de Ramos de Azevedo, serão realizadas hoje as seguintes cerimoniais:

As 8 horas — Missa solene mandada cantar pela família na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora; às 9 horas — Lançamento da pedra fundamental do edificio da nova sede do Liceu de Artes e Officinas de São Paulo pelo governador Lucas Nogueira Garcia, à rua João Teodoro, esquina com Avenida do Estado, às 10 horas — O Conselho superior da diretoria do Liceu, funcionarios, alunos, operarios e aprendizes colocarão palmas sobre seu monumento à av. Tiradentes; às 11 horas — Romaria ao seu túmulo no Cemitério da Consolação; às 12 horas — Seus companheiros do Escritorio "Ramos de Azevedo", Severo e Villares S. A., colocarão uma placa "In memoriam" na sede do Escritorio, no 12.º andar do edificio Britania à rua Liberador Badaró, Amanhã — Missa em Campinas, na Matriz de N. S. da Conceição, terminada por Ramos de Azevedo, há 70 anos.



Qdm



I Centenario do nascimento de Ramos de Azevedo

Renovou os metodos de construção e a fisionomia arquitetônica de São Paulo

Estudioso e empreendedor, foi professor e diretor da Escola Politécnica - Homenagens prestadas;

Transcorre, hoje, o primeiro centenario do nascimento do engenheiro Francisco Ramos de Azevedo, cujo nome está na lembrança de todos os paulistas pelo muito que ele fez em prol da valorização arquitetônica e urbanística desta Capital. Ao saudoso arquiteto devemos o abandono de metodos roncelsos que amarravam as construções ao distante periodo colonial. A partir de Ramos de Azevedo,

os edificios passaram a ter grandeza, a dar novo aspecto a uma cidade que se expandia desmesuradamente aos impulsos da riqueza e do bom gosto.

Ficava para trás a idade dos casarões, com paredes de velha fortaleza, excesso de ornamentos nas fachadas, portas estreitas e de altura desmedida. Foi uma grande intelligencia a serviço de uma terra que ansiava por expansão.

PRIMEIRA CONSTRUÇÃO

Havendo nascido em Campinas a 8 de dezembro de 1851, Francisco de Paula Ramos de Azevedo ali estudou as primeiras letras, ingressando, aos 15 anos, na Escola Militar da Praia Vermelha, para fazer o curso de Artilharia. Vieram as alterações produzidas pela guerra do Paraguai, e Ramos de Azevedo retirou-se para sua cidade natal, onde, como ajudante de engenheiro, prestou serviços, durante dois anos, na Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Em 1875, seguiu para a Bélgica, matriculando-se na Escola de Engenharia de Gand e transferindo-se a seguir, pela sua vocação, para o curso de Engenharia Arquitetico. Diplomado, voltou ao Brasil, levando a efeito, no interior do nosso Estado, os seus primeiros trabalhos de projetista e construtor. Diz-se que a primeira casa construída por Ramos de Azevedo ainda existe: é o predio senhorial existente em Rio Claro, na praça da Liberdade, esquina da rua 6, predio onde residiu, por muitos anos, o saudoso desembargador Achilles de Oliveira Ribeiro, que foi presidente do Tribunal de Justiça.

EM S. PAULO

Ramos de Azevedo veio para São Paulo em 1886 a convite do governador da provincia, o conde de Parnaíba, para iniciar o edificio da Delegacia Fiscal, depois o Tesouro Estadual e hoje Caixa Econômica Estadual. Esse predio como os outros da Agricultura e da Bolsa, ainda

hoje enfeitam muito dignamente a praça do antigo collegio.

Mais tarde, associou-se com Dominiciano e Claudio Rossi para o projeto e construção do Teatro Municipal de São Paulo, antes deste terminado porem, criou a firma Ramos de Azevedo & Cia., da qual era chefe com Ricardo Severo e Dominiciano Rossi e a seguir Arnaldo Dumont Villares, que até hoje existe com o nome de Escritorio Tecnico Ramos de Azevedo, Severo e Villares S. A. São Paulo e Rio, criada pelo falecimento de Ramos de Azevedo quando seus socios Ricardo Severo e Arnaldo Dumont Villares

tor da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, diretor do Banco Italo-Blego, diretor da Caixa Econômica de São Paulo, conselheiro da Santa Casa, de Misericórdia de S. Paulo, conselheiro da Administração do Teatro Municipal de São Paulo e de inumeras outras organizações, tais como o Instituto de Engenharia e organizações de classes.

Em 1928, depois de uma existencia de trabalho e dignidade, falecia o engenheiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Seus funerais tiveram um tom de consagração e os alunos da Escola Politécnica, de que ele havia sido professor e diretor, transportaram os seus despojos à mão.

VARIAS HOMENAGENS

As homenagens em memoria do saudoso engenheiro paulista tiveram inicio ontem, havendo sessão evocativa no Liceu de Artes e Officinas; e, na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, sessão solene da Congregação, falando pelo corpo docente o professor Luiz de Anhaia Mello.

Proseguirão hoje, as comemorações, observando-se o seguinte programma: às 8 hs., Missa solene mandada cantar pela familia na igreja Nossa Senhora Auxiliadora; às 9 horas, lançamento da pedra fundamental do edificio da nova sede do Liceu de Artes e Officinas de São Paulo pelo governador prof. Lucas Nogueira Garcez, à rua João Teodoro, canto da avenida do Estado; às 10 horas, o Conselho Superior, diretoria do Liceu, funcionarios, alunos, operarios e aprendizes, colocarão palmas sobre seu monumento à av. Tiradentes; às 11 horas, renhará ao seu tumulo no cemiterio da Consolação; às 12 horas, seus companheiros do Escritorio "Ramos de Azevedo", Severo e Villares S. A. e Severo e Villares do Rio de Janeiro S. A., colocarão uma placa "in memoriam" na sede do Escritorio no 12.º andar do edificio Britania e dia 9, missa em Campinas, na matriz de N. S. da Conceição, terminada por Ramos de Azevedo há 70 anos.



Ramos de Azevedo

proseguiram sob os mesmos ideais. Ramos de Azevedo fundou as Companhias Ceramicas de Vila Prudente, Inicialora Predial, Suburbana Paulista. Foi presidente da Cia. de Sedas de Campinas, dire-

Handwritten signature or initials, possibly "C.A.M." or similar, in the bottom left corner.



RAMOS DE AZEVEDO

São Paulo está comemorando, com grandes homenagens, o centenário do nascimento de Ramos de Azevedo, que lamentavelmente não mereceu de Campinas as atenções devidas, uma vez que o ilustre arquiteto está ligado a obras inúmeras de caráter público e particular que aqui se levaram a efeito.

Nome respeitabilíssimo na engenharia brasileira, Ramos de Azevedo projetou-se também no cenário internacional. Foi um pioneiro na sua profissão, que honrou e dignificou por todos os títulos. Tendo a princípio se decidido pela carreira das armas, dirigiu-se para o Rio, onde se matriculou na Escola Militar da Praia Vermelha. No entanto, tendo em vista as consequências da guerra do Paraguai, abandonou a famosa casa de ensino e deliberou ingressar na engenharia civil. Esse fato, essa atitude que desviou Ramos de Azevedo de obter uma patente do Exército, foi o que o fez alterar os planos que havia traçado para o seu futuro. Abandonou a farda, onde com certeza chegaria a ser um militar brilhante, para abraçar os cálculos e as fórmulas que o tornariam esse gênio construtivo, responsável pelas mais belas obras arquitetônicas legadas ao Estado de São Paulo em fins do século passado e em princípios deste.

Ramos de Azevedo desconhecia limites para os seus ideais. Por isso, foi à Bélgica, onde levou a efeito um curso especial na Universidade de Gand e dali voltou para o Brasil com o diploma de arquiteto, obtido com notas brilhantes.

Tendo feito seus estudos primários em Campinas, devotava especial carinho à nossa terra. Por isso, chamado a dirigir as obras da Catedral, em suas fases finais, nelas se empregou a fundo, de maneira a que a sua construção fosse apressada.

Pela sua obra e operosidade Francisco de Paula Ramos de Azevedo tornou-se um expoente de sua classe, legando aos pósteros realizações tais que desafiam o tempo na beleza de suas estruturas e na elegância de suas linhas magestosas.

Reposam agora em São Paulo os restos mortais de Ramos de Azevedo, o mestre da arquitetura e o brasileiro insigne que amou a sua Pátria e a sua profissão mais do que ninguém. X.

Cam

Francisco de Paula Ramos de Azevedo

O ARQUITETO — O GRANDE FORMADOR DE ARTISTAS
— O CHEFE DE FAMILIA

PELAGIO LOBO

UM dos traços de maior nobreza no caráter e na vida profissional de Ramos de Azevedo, que deixei delineado no rodapé anterior, era o de admirar e proclamar, sem rodeios, os méritos de obras e trabalhos alheios e chamar para o gremio dos seus colaboradores todos quantos houvessem revelado talento, devoção profissional e probidade.

Tendo vencido, no princípio da vida dificuldades não pequenas, e mudado o seu curso de estudos que, da carreira militar se deslocou para o de auxiliar de turmas de engenheiros ferroviários, até poder encaminhar-se para a Escola de Engenharia, Arquitetura e Belas Artes de Gand, na Bélgica, e tendo recebido nesses primeiros passos o precioso estímulo do futuro visconde de Parnaíba — paulista que se aponta entre os maiores benemeritos desta terra — Ramos de Azevedo guardou, bem no fundo da alma, essa flor humana tão rara do reconhecimento a favores recebidos e adotou como norma na sua longa vida profissional os mesmos preceitos que tão decisivos lhe haviam sido nos anos trabalhosos da mocidade. Sabia acolher os homens, velhos ou mocos, que o procurassem para um conselho ou apoio; sabia estimular os méritos dos recomendados, fazendo deles — como foi o exemplo de toda a sua carreira — companheiros, socios, confidentes; e sabia proclamar o talento e os méritos de qualquer obra ou autor, sem restrições mesquinhas ou pequeninas preocupações de grupos, escolas ou facções.

Dessa faculdade de admirar o merito alheio, ainda mais acentuada pela virtude do reconhecimento a favores recebidos, sentia toda a força certa vez em que subiu ao seu escritorio para com ele tratar de assuntos do interesse da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro de que ele era o vice-presidente e eu advogado.

Foi isso em 1926, aproximadamente.

A Companhia tinha sua sede no mesmo prédio "Ramos de Azevedo" em que ainda hoje se encontra, desde 1925, quando para São Paulo transferira sua sede que era em Campinas; Ramos de Azevedo tinha seu escritorio principal num dos andares superiores e era facil encontra-lo, porque all estava sempre durante o dia, a estudar papeis, rever ornamentos de obras e lançar desenhos ou esboços sobre folhas avulsas de papel.

Tinha, nos fundos do 5.º andar, uma sala ampla, fartamente iluminada por janelas que abriam para o nascente, com uma vista panorâmica que abraçava desde a Luz e Bom Retiro até os confins do Braz, Penha, Ipiranga e Vila Prudente — cenário digno de um homem de sua visão.

Enquanto ele lia os papeis que eu lhe apresentára, apoiado a uma mesa de jacarandá que, depois me informou ter pertencido ao barão de Iguaçu, lá eu fixando a vista na sua bela cabeça de artista na qual as "entradas" do cabelo grisalho faziam a testaminal ampla, completando a natural imponência da figura. E dele extendi o olhar para um retrato a óleo, pintura antiga, collocado no alto da parede. Terminada a leitura, perguntou-me: — "Sabe de quem é este retrato?" E como eu lhe respondes-

se que sim, acrescentou numa referencia carinhosa:

— "É o Parnaíba, o "anjo bom" desta casa..."

O retrato do visconde de Parnaíba, com os traços típicos Queiroz Telles, era familiar dos quantos frequentavam a sede da Companhia Mogiana. Mas a referencia de Ramos de Azevedo como que fazia crescer o prestigio do retratado: sentia-se no tom da voz e no calor das referencias o carinho com que o arquiteto insigne cultuava a memoria do visconde, "anjo bom" da casa, o carinho, misto de admiração pelo que ele bem conhecia da vida, dos trabalhos, da visão de estadista e da benemerita atividade do grande judaiano.

— "Foi esse homem quem me deu a mão no principio da minha vida; quem me pôs na primeira turma de construção da estrada...". E ampliou as referencias com outros fatos que despertaram em mim enorme curiosidade pela vida e trabalhos do Visconde de Parnaíba e, ao mesmo tempo de admiração imensa pelo seu protegido que falava com tanto carinho daquele primeiro protector.

Foi, certamente, esse mesmo culto aos que lhe deram a mão e o prestigiaram no inicio da carreira, o inspirador da veneração que Ramos de Azevedo mantinha e proclamava pelo Visconde de Indaiatuba, Joaquim Bonifácio do Amaral, o grande chefe politico do partido liberal que, na presidencia da comissão de obras da Matriz Nova de Campinas convidou Ramos de Azevedo para a direcção dos trabalhos finais daquelle templo a que o arquiteto, por outros muitos titulos, ligou para sempre o seu nome.

Essa qualidade de saber escolher os companheiros e auxiliares com os quais lidava, alem de outras virtudes de penetração psicologica, deram-lhe esse singular predomínio na sua classe: os companheiros e amigos passavam a ser os mais videntes progeiros das suas virtudes e os mais devotados dos seus colaboradores. Não é necessario apontar o que ele deixou em nossa capital, em obras e edificios que deram, desde que aqui se ofereceram ao olhar dos paulistanos, essa feição de centro de civilização e bom gosto. O arquiteto desenhava e levantava construções que até hoje all estão para atestar a finura do seu engenho, o seu talento criador e o escrúpulo que empregava em todos os seus trabalhos. Mas ao lado de edificios, palacios ou habitações particulares, legou a São Paulo essa obra ainda maior e mais frutuosa de preparo das gerações de artifices, operarios e grandes artistas de que o Liceu de Artes e Officios é o melhor atestado.

Os primeiros alunos desses cursos, hoje mestres que estão triunfando ou já triunfaram na vida, recordam como titulo maior nas suas carreiras, terem saído do "Liceu do Dr. Ramos" e terem all recebido o seu ensino ou o ensino dos homens cuja habilidade ele modelara e incentivara na direcção do estabelecimento.

Em 1909 fui, em companhia de meu pai, encontrá-lo, num barracão levantado nas proximidades do Teatro Municipal cuja construção elle estava dirigindo, barracão no qual trabalhavam outros auxiliares devotados, entre elles Domjciano Rossi. Dall passa-

mos para o interior do edificio, em que a actividade era incessante: batida de martelos, vozes, arrastar de ferros, canto e assobio de pintores, berros de pedreiros empoleirados no alto dos anda-

lados. A cada vez em quando o mestre parava a la direita a um pedaço da obra ou a um desenho de parede; acudia os operarios e com elle se entendiam, ouvindo as determinações daquele homem que tinha, olhar agudo para descobrir os menores defeitos e incentivar as boas palavras o que os seus ajudantes estavam fazendo.

Essa excursão, expandia-se em referencias e encomios ora a um, ora a outro: "Este rapaz que falou comigo é um "bravo artista" italiano; tem talento e "mão" para as obras que está fazendo. Quero aproveitá-lo, logo que termine aqui umas tarefas, para ir ensinar a "minha rapaziada" do Liceu".

Com homens do trabalho ou colegas de superior administração nas empresas e companhias, de que era director, mantinha o mesmo feitio — acolhedor, delicado, cortês. Aos primeiros dava ordens e sugeria inspirações; para os companheiros tinha sempre uma opinião esclarecida e — enlhor do que isso — a coragem das decisões. Em 1914 entrou para a directoria da Companhia Mogiana, quando a presidencia era exercida por um seu velho amigo e conterraneo, o sr. José Paulino Nogueira e na directoria se conservou até 1927, com outros companheiros, dos quais vivem e poderão, certamente, lembrar episodios dessa preciosa convivência — o dr. Amadeu Gomes de Sousa, que é o presidente da empresa há vinte e seis anos, e o dr. Luiz Tavares Alves Pereira, que é hoje director da Companhia Paulista. Os outros, coronel Manuel de Moraes, José Egidio de Quelroz Aranha (o Cacaú) e Guilherme de Andrade Villares, já há muito são mortos.

Na mesa dos trabalhos da directoria da Companhia tinha cada director uma pasta de couro para guarda de papeis e notas. Nos momentos de folga, ou durante a leitura de atas longas, cuja leitura era feita pausadamente pelo secretario, dr. Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva, costumava o dr. Ramos, sem perder o fio de um debate ou da materia em discussão ir traçando, sobre folhas do seu bloco, desenhos, projetos, ornamentos de arquitetura: era um desenhista admiravel, pela firmeza dos traços, pelo encanto das imagens, pela delicadeza daquelas "floriturras".

Quando elle faleceu, demos um balanço na pasta e dall o dr. Amadeu recolheu, com uma unição que só se dispensa a autografos veneraveis e sagrados, um maço daquelles autografos preciosos. Havia all de tudo: um ou dois projetos ou desenhos de escadaria; uma fachada, que parecia ser a inspiração da fachada do Palacio da Justiça; uma casa assobradada, de residencia particular; um tumulo, uma estação de estrada de ferro e alguns desenhos de ruas e praças, com arvores, postes de iluminação o longa perspectiva.

Não foi, entretanto, essa serie do trabalhos feitos des preocupadamente, e como que para encher pequenos intervalos de trabalho, que mais nos encantou: foram os desenhos, quadros ou ornamentos, com inscrições em que elle punha o nome da esposa, com le-



Q. N.

Q. N.



tras dos mais variados tipos: — "Eugenia" — "Eugenia" — "Eugenia".

O homem absorvido por tantos encargos da profissão, por tantos problemas administrativos da empresa de que era a maior figura (o certamente fazia o mesmo em trabalhos de outras organizações) dali se apartava, pela memória e voaxa para o centro da família, a procurar o aconchego da companhia que era o seu grande apoio, a grande força moral em cuja convivência ele ia buscar estímulos para a sua incessante atividade e conforto para as suas horas de tristeza e preocupação. Era, enfim, e simplesmente o homem da família, o marido, o chefe de um lar feliz que, com os desvelos daquela devotada esposa, educara filhas que já então lhe haviam propagado a descendência em novos troncos e o filho, que herdara o seu nome e já havia demonstrado um talento de desenhista o engenheiro digno daquela linhagem.

Inferno a exibições de estardalhaço, embora cumprisse com rigor os deveres que lhe impunha a sua larga projeção social, o dr. Ramos de Azevedo em verdade só se sentia bem nos três centros familiares a que consagrou a vida inteira: o dos seus operários, auxiliares e companheiros de trabalho; o dos alunos da Politécnica e o da casa tranquila e casta da rua Pirapitingui na qual, como artista de fibra que era, cultivava das suas flores e dos seus canteiros e, como homem de coração, expandia suas reservas de ternura entre a mulher e os filhos.

Nessas três esferas de atividade empregou, por igual, alma e coração, e em todas elas foi igualmente exemplar.

(Do "Correio Paulistano", de S. Paulo, de)

Handwritten signature or initials, possibly "Cam".